



O BANCO PARA A PESSOA JURÍDICA

FHC inicia corpo-a-corpo político

No Ceará, presidente reúne-se com deputados, fala em reeleição e em acordo para Senado

por Eliane Cantanhêde
de Fortaleza

O presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu patrocinar uma solução de consenso para a Presidência do Senado. Ele conquistou o apoio dos governadores do Nordeste para essa solução e conseguiu mudar nitidamente o discurso do presidente nacional do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE), que entrou para uma conversa com Fernando Henrique afirmando que a única solução no Senado seria bater chapa e saiu admitindo uma solução consensual.

Ao chegar para uma conversa com o presidente da República, ontem, em Fortaleza, Paes de Andrade foi incisivo: "Há um acordo do PMDB e do PFL para a presidência da Câmara, mas o Senado vai ser resolvido pelo voto". À saída, ele era outro: "Tudo vai desaguar num entendimento", previu para os jornalistas, admitindo a confirmação de uma terceira candidatura para a presidência do Senado, a do líder do governo, Elcio Alvares (PFL-ES).

As outras duas, já colocadas, são as dos senadores Iris Rezende (PMDB-GO) e Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que encontra séria oposição do PMDB e alguma resistência no próprio partido. Ao mudar o tom, depois da conversa com o presidente, Paes de Andrade – que sempre marca posição de independência em relação ao governo –, deixou a sensação de que seu partido não apóia ACM, mas poderá apoiar uma alternativa do PFL, como Elcio Alvares.

Também os governadores do Nordeste conversaram com Fernando Henrique sobre as presidências da Câmara e do Senado, no Palácio de

Governo do Ceará. Segundo o tucano Albano Franco, de Sergipe, eles manifestaram apoio a uma candidatura do PFL ao Senado. O argumento é o de que convém, para o bom equilíbrio do Congresso, ter a presidência da Câmara com o PMDB e a do Senado com o PFL.

Fernando Henrique teve ontem um dia de candidato, não de presidente da República.

Almoçou com a bancada federal do PSDB do Ceará e depois manteve conversas, separadas por partidos, com os cinco deputados federais do PMDB e os dois do PFL. Ao almoço, foram vinte pessoas, mas o ex-governador Ciro Gomes, que tem feito insistentes críticas ao governo, não compareceu.

O presidente, segundo o deputado Ubiratan Aguiar, pediu aos cor-religionários tucanos que fizessem tudo para aprovar as reformas da Previdência, no Senado, e da Administração, na Câmara, durante a convocação extraordinária do Congresso em janeiro. Segundo outra fonte, quando o assunto foi desviado para as presidências das duas Casas, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, pregou ardorosamente, bem a seu estilo, a retirada da candidatura do tucano Wilson Campos (PE) na Câmara.

"Nós temos sozinhos os 306 votos para garantir a governabilidade? Não. Então, precisamos dos outros partidos", disse o ministro, defendendo o



Elcio Alvares

apoio do PSDB ao candidato Michel Temer, do PMDB.

Apesar do escândalo do orçamento, que ainda pode gerar a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), Paes de Andrade foi ao presidente com um dos personagens das denúncias, o deputado Pinheiro Landim (PMDB-CE), suspeito de ter sugerido ao deputado Pedrinho Aarão, que ago-

ra pode ser cassado, a redução de uma propina de 4% para 2%.

Além disso, os dois deputados federais do PFL do Ceará, Antônio Santos e Roberto Pessoa, fizeram um pedido específico para o presi-

dente: que ele dê continuidade às obras do açude de Castanhão – pivô das denúncias contra Pedrinho Aarão. Eles também criticaram o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, e fizeram uma defesa vigorosa do projeto de transposição do Rio São Francisco, acusando a Bahia de ser o principal opositor. Desabafo de Fernando Henrique: "A transposição do São Francisco é uma obra de engenharia política, mais do que hidráulica".

A reeleição permeou toda a agenda de Fernando Henrique em Fortaleza, na véspera do encontro do Conselho de Presidentes do Mercosul. Entretanto, o pefelista Antônio Santos, que é da Comissão Executiva Nacional do partido, deixou claro à saída: "Nós ainda não vestimos a camisa da reeleição. Nem sabemos quando e se vamos vestir".